

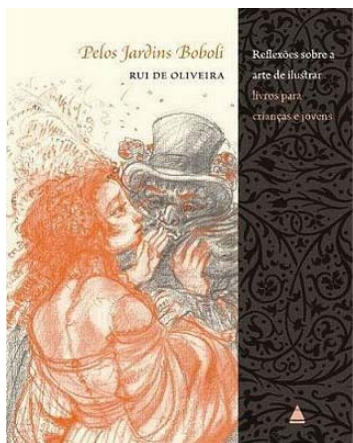
## RESENHA 1

### A ARTE DE ILUSTRAR LIVROS PARA CRIANÇAS E JOVENS<sup>1</sup>

#### THE ART OF ILLUSTRATING BOOKS FOR CHILDREN AND YOUNG PEOPLE

Resenhado por:  
Maurice Lidiane Lazzaretti<sup>2</sup>  
Flávia Brocchetto Ramos<sup>3</sup>

OLIVEIRA, Rui de. *Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.



Publicado em 2008 pela editora Nova Fronteira, *Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*, de Rui de Oliveira, tem como objetivo embasar profissionais que atuam com a ilustração – como professores, editores, bibliotecários... –, no sentido de ler conceitualmente a ilustração. A obra traz reflexões, como já previne seu título, acerca da ilustração de livros: sua constituição enquanto desenho, sua relação com o texto literário, a questão do estilo do artista, entre outros aspectos relativos à ilustração. Notas explicativas e ilustrações na margem externa da página auxiliam a compreensão e facilitam a leitura.

<sup>1</sup> Esta resenha é produto do trabalho da pesquisa “Educação, Linguagem e Práticas Leitoras”, que tem apoio do Edital MCT/CNPq/MEC/CAPEs n. 02/2010 – Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura Plena em Letras (UCS), bolsista de iniciação científica (CNPq) no projeto de pesquisa “Educação, Linguagem e Práticas Leitoras”. Endereço para correspondência: Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 - CEP 95070-560 - Caxias do Sul, RS, Brasil. E-mail: maurice.lazzaretti@gmail.com.

<sup>3</sup> Graduada em Letras (UCS), doutora em Letras (Pontifícia Universidade Católica – Rio Grande do Sul, PUC-RS). Atua como Docente do Programa de Pós-graduação em Educação (UCS) e realizou Estágio de Pós-doutoramento na Universidade Federal de Minas Gerais, FAE/UFMG. Endereço para correspondência: Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 - CEP 95070-560 - Caxias do Sul, RS, Brasil. E-mail: ramos.fb@gmail.com.

Rui de Oliveira é ilustrador e professor da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui mestrado e doutorado em Comunicação e Estética do Audiovisual pela USP. Pela qualidade de suas ilustrações é reconhecido no Brasil e no exterior. Parte delas está hospedada no seu site <http://www.ruideo-liveira.com.br/>. Não é à toa que escreve essa obra: sua formação e suas produções ao longo de três décadas de ilustração lhe trouxeram conhecimento suficiente para refletir acerca da arte de ilustrar e, é claro, para levantar questões-problema que ainda merecem certa atenção por partes dos teóricos da arte.

O livro divide-se em cinco partes – afora o apêndice e notas iniciais. A primeira delas apresenta o que se poderia chamar de uma introdução conceitual e teórica acerca da ilustração. A segunda trata da contemplação, da recepção da ilustração artística. A terceira parte oferece esquematicamente os critérios para se ler estruturalmente uma ilustração. A quarta aprofunda a noção de o que é uma boa ilustração. Na quinta, por fim, Rui expõe a forma pessoal como vê a arte de ilustrar, discurso que funciona como um grande resumo do livro. É apenas na segunda seção de *Pelos Jardins Boboli* que vamos entender seu título. O motivo é uma analogia entre os jardins florentinos e a ilustração: ambos possibilitam uma contemplação prazerosa, ligada às sutilezas, à emoção. Toda a reflexão de Rui nesta obra se constrói através de uma visita aos Jardins Boboli, é como se o leitor percorresse com o autor as aleias e fosse observando, contemplando e, inclusive, remetendo-se a outros espaços – percorre-se o mundo das artes –, razão pela qual Rui chama o estudo de seu texto de “visitação imaginária” (p. 143). Ademais, o autor inclui o leitor no texto (“nossos estudos”) e vai conduzindo-o nessa visitação – “Chegamos, portanto, em nossa caminhada e procura para entender a arte de ilustrar para crianças, à maravilhosa gruta Buontalenti dos Jardins Boboli, uma caverna artificial onde tudo é falso e tudo é verdadeiro.” (p. 115)

Rui já inicia seu texto apontando para o entendimento errôneo do conceito de leitura, que circunda somente o universo da palavra, em detrimento da ilustração. Coloca que a alfabetização deveria ter início na leitura da imagem, o que geraria melhores leitores do mundo e, inclusive, das palavras quando chegasse seu momento.

O autor afirma que um fenômeno artístico é também um fenômeno de comunicação. No caso específico da ilustração, sua leitura pode ocorrer não apenas em relação constante à palavra do texto, mas sim criando um sentido próprio, uma vez que “A ilustração não se origina diretamente do texto, mas de sua aura” (p. 32). Assim, Rui estabelece que a leitura da ilustração deve estar atrelada também à sua estrutura enquanto imagem – composição, linha, ritmo, textura, cor, etc. – e, igualmente, a aspectos não-estruturais; isso permite a assimilação do sentido do texto visual, visto que a forma de leitura de uma imagem é sempre particular, subjetiva, interpretativa. O professor, então, precisa levar isso em conta no trabalho com a visualidade. O ilustrador, por sua vez, deve “tornar incomum o comum, transformar o real em fantástico, sugerir e representar o que o leitor supõe ver” (p. 37). Dessa forma, concretiza-se a relação produção/recepção esperada: o ilustrador cria a imagem, mas é o leitor – nesse caso a criança – que a concretizará.

O autor critica as ilustrações a que chama de *doces de coco*, isto é, aquelas apetitosas e classificadas cegamente como infantis, porém que apresentam traços ingênuos e que se constituem numa reprodução de cartuns, gibis e outros produtos de massa. No lugar disso, preconiza “a ilustração como uma representação da ausência do objeto” (p. 37), devendo ter como ponto de partida, em seu processo de produção, o visto, mas rumando, logo em seguida, ao não-visto, ao imaginário. Anela por uma ilustração não atrelada a reproduções, uma imagem polissêmica e que se comunique com seu leitor – e para tanto que tenha em vista quem ele é –, que o emocione. É necessário ter em mente que “Ilustrar não é fazer *bonequinhos* sem nacionalidade, com rostos inexpressivos e estereotipados que se repetem em todos os livros” (p. 40) – e aqui há um casamento com a proposta de Ana Maria Machado nas notas iniciais que tece como prefácio de *Pelos Jardins Boboli*: a escritora denuncia a carência de uma ilustração propriamente brasileira, nacional, uma vez que as imagens aqui produzidas seguem um estereótipo europeu –, mas sim gerar imagens evocativas, não necessariamente realistas, mas críveis, que desenvolvam reconhecimento da parte do leitor, desenhos que sugiram, e não repliquem; em resumo, ilustrações artísticas, que falam sem o uso da voz. Ainda referente à questão levantada por Ana, Rui entende que o assunto necessita ser repensado, pois não basta incluir uma bananeira no cenário para termos uma arte brasileira, ou ainda de nada vale utilizar personagens com nossas características físicas se a história nada tem a ver com a nossa cultura. Para ele, a questão nacional é bastante complexa, e “Ela não existe sem a individualidade do artista, sem a sua particular leitura do povo, cultura e natureza.” (p. 117). Nesse ponto, vale lembrar de trabalhos de ilustração que Rui de Oliveira faz em apenas duas obras: em *Amor índio*, história da cultura asteca, as personagens assumem traços dos índios daquela cultura; outro título citado aqui é *Chapeuzinho vermelho e outros contos por imagens* – destacam-se, neste título, o cenário da casa dos pais de João e Maria e os traços dos genitores, tais elementos recuperam o ambiente de surgimento dessa narrativa, cujos pais assumem traços de camponeses do período, de acordo com o contexto de surgimento da história.

Ao relacionar imagem e palavra, o autor defende que nem tudo pode ser ilustrado: há trechos do texto literário em que a palavra atinge um alto grau de abstração e nos quais a imagem não deve interferir. É o leitor quem constrói a visualização pessoal nesse momento. Além disso, “A ilustração deve ser sempre uma paráfrase visual do texto, sempre uma pergunta, e nunca uma resposta” (p. 49), deve-se estar calcada no não-dito, no espaço deixado pelas palavras.

Rui de Oliveira ainda expõe uma leitura estrutural da ilustração, argumentando que essa é uma forma de se alcançar a simbologia e as manifestações expressivas do ilustrador, embora reconheça que os diferentes sentidos artísticos não podem ser diminuídos a um esquema. Consoante Rui, seu esquema é também uma proposta de ler a imagem desvinculada do texto, pois, apesar de o autor manifestar que não ambiciona realizar uma separação entre ambos – visto que essa relação é fundamental à arte de ilustrar –, seu estudo em *Pelos Jardins Boboli* tampouco deseja uma subordinação da imagem ao texto literário.

Além disso, o autor trata sobre o que seria um bom desenho em termos de ilustração. Segundo ele, não basta – o que também tem sua grande importância – dominar a anatomia humana e a representação figurativa; é necessário, ainda, que haja relação de sentido com o que se está narrando, ou seja, que a imagem ilustrada – personagens, cenário... – esteja adequada ao texto, à sua atmosfera, às suas peculiaridades literárias. Não obstante, isso ainda não é tudo. Rui afirma que uma boa ilustração gera necessariamente a imantação mágica e de encantamento – a que o autor denomina *teofania*. Ela torna real o mundo do sonho, e se configura assim, porque não é um espalho do texto literário, mas sim um prisma. Para gerar a teofania, a ilustração precisa ser figurativa, original – e não réplica – e veraz, sem ser realista. Essa imantação “agrada e estimula a memória visual das crianças” (p. 115); é, portanto, fundamental. Além disso, “o desenho tem como função tornar perceptíveis os objetos, e não dar formas acabadas a eles” (p. 118); a ilusão deve se fazer presente. Assim, não basta a expressão técnica e cognitiva da obra; é também necessária a *verossimilhança mágica* da realidade. Segundo Rui, essa característica consagrou diversos ilustradores. Ela permite ao pequeno leitor fazer suposições. A essa imersão da criança entre o real e o imaginário na ilustração, Rui, poeticamente, chama de *silêncio das imagens*.

Finalmente, em “Como vejo a arte de ilustrar”, texto produzido para o prêmio Hans Christian Andersen de Ilustração 2008 e publicado na obra, o autor conta que, ao desenhar, presta atenção para que seu desenho não se condicione a apenas uma interpretação – a sua. Revela, ainda, que não possui um *estilo*, mas sim um *método de abordagem*, pois ao ilustrar não se atém às suas preferências, mas antes a criar para cada texto uma imagem, entendendo o texto literário como origem de tudo – e realmente, se observarmos as ilustrações de Rui em diferentes obras, tais como *Língua de Trapos*, de Adriana Lisboa, *Flor sem Nome*, de Luciana Savaget e *Pena de Ganso*, de Nilma Lacerda, perceberemos a inexistência de um referencial único de estilo. Porém, embora afirme isso, Rui estabelece que é necessário haver um distanciamento entre o ilustrador e o texto, a fim de que a ilustração não tenha o texto como um espelho. O autor vê a ilustração como um gênero de literatura, em que “o ilustrador desenvolve e interpreta o que é *ilustrável*. E o que é *ilustrável* nem sempre é o *literariamente relevante* para o escritor.” (p. 150)

*Pelos Jardins Boboli* é, portanto, uma obra de excelente grau teórico e elucidativo do já consagrado ilustrador Rui de Oliveira. Contudo, sua linguagem metafórica e figurativa – “Ao fecharmos o círculo de nossa gravura alquímica, criamos uma linha não visível que nos conduz ao Oriente e à arte oriental.” (p. 113) – pode não atingir o público a que visa o autor, isto é, profissionais que trabalham com a arte da ilustração, porém que não têm formação (diretamente) relacionada a ela. Em vez disso, é mais útil aos ilustradores e a pesquisadores do tema, sejam eles já reconhecidos ou em processo de formação, uma vez que versa sobre a questão do ilustrar e tais dados podem ser empregados no ato de ler a imagem. O texto fornece explicações de noções básicas da arte, contudo parece requerer algum conhecimento prévio já estabelecido, como no caso em que explica perspectiva: o faz segundo os conceitos de ponto de vista, ponto de fuga e linha do horizonte (p. 54). Para um leigo, a compreensão fica restrita.